

# Era uma vez uma virtude esquecida: como cultivar a criatividade na infância por meio da literatura?

Once upon a time there was a forgotten virtue: how to cultivate creativity in childhood through literature?

Luana Raquel da Silva Coimbra<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Revisora de textos acadêmicos. Pesquisadora no Laboratório Invisível – Invisible College – Primeiras sementes: cultivando virtudes intelectuais na infância, 2024. [luanaraquelscoimbra@gmail.com](mailto:luanaraquelscoimbra@gmail.com)

## Resumo

O artigo explora o proveito da literatura ficcional para a formação cognitiva e para o cultivo de virtudes intelectuais na infância, especialmente a criatividade. No tocante à educação literária das crianças no contexto familiar cristão, busca responder a uma lacuna existente entre duas realidades: de um lado, a ausência de uma formação literária em grande parte de nossas casas, de outro, a presença dela, todavia submetida a um processo rígido de seleção, que acaba por revelar a ausência de uma cosmovisão bíblica sólida capaz de lidar com as questões trabalhadas nos livros. Com o objetivo de oferecer uma alternativa aos dois casos, o trabalho propõe um modelo de mediação redentiva de leitura – isto é, uma forma de ler os livros à luz do Evangelho de Cristo, explorando as particularidades estéticas das obras, assim como suas questões morais possíveis; ao invés de proteger as crianças de certos problemas dessa natureza, esse modelo as convida a criar possibilidades interpretativas críticas, reflexivas e distintamente cristãs.

## Palavras-chave

criatividade; virtudes; literatura infantil; leitura.

## Abstract

This article explores the benefits of fictional literature for cognitive development and for cultivating intellectual virtues in childhood, especially creativity. Regarding the literary education of children in the context of Christian families, it seeks to respond to a gap between two realities: on the one hand, the absence of literary education in most of our homes; on the other, its presence, although subject to a rigid selection process, which ultimately reveals the absence of a solid biblical worldview capable of dealing with the issues addressed in the books. With the aim of offering an alternative to both cases, the work proposes a model of redemptive mediation of reading – that is, a way of reading books in the light of the Gospel of Christ, exploring the aesthetic particularities of the works, as well as their possible moral questions; instead of protecting children from certain problems of this nature, this model invites them to create critical, reflective and distinctly Christian interpretative possibilities.

## Keywords

creativity; virtues; children's literature; reading.

### 1. Era uma vez (uma introdução)

Numa terra não muito distante, as pessoas não acreditavam mais em livros, especialmente se eles fossem escritos para crianças. Como os adultos eram os únicos que tinham o poder de mostrar os livros aos pequenos, estes dependiam dos mais velhos para ver, ou nunca ver, aqueles objetos de histórias fascinantes. E, de fato, naquela terra, circulavam rumores de que as crianças raramente os viam. Em outra terra vizinha dali, as pessoas acreditavam nos livros, mas todo livro, para ser de um menino ou de uma menina, devia passar antes pelo Vale dos Livros Perfeitos, o qual somente obras sem nenhum defeito conseguiam transpor, depois da leitura completa dos cem sábios mais exigentes daquele lugar. Pouquíssimos escapavam. E só escapavam porque, à meia-luz, quando a leitura dos cem sábios já não era das melhores ao final do dia, os livros lhes pareciam perfeitos.

Habitamos nós alguma dessas terras não muito distantes? A qual delas atribuímos nosso modo de enxergar os livros infantis, enquanto pais cristãos? Entre essas estradas mal iluminadas do desconhecimento e da religiosidade, existe um caminho sábio que

conduza a um modo verdadeiramente redentivo<sup>2</sup> de enxergar a cultura?

Considerando essas problemáticas, a origem desta pesquisa se deve ao interesse de propor “um caminho mais excelente” diante de dois modos (não muito diferentes entre si) de educação literária das crianças no contexto familiar cristão.

De um lado, não se tem propriamente uma educação literária, e isso pode se explicar pela ausência da prática leitora dos pais e pelo desconhecimento do valor simbólico desse bem cultural para a formação intelectual de seus filhos; ou, ainda, pelo fato de pais cristãos, na ausência de uma cosmovisão cristã de implicações práticas, não saberem muito bem como mediar a leitura de livros por vezes desconcertantes, cujos personagens mentem ou roubam, por exemplo. Assim, a saída que tomam, neste caso, é evitar os livros ficcionais.

De outro lado, a educação literária ocorre com certo apreço, mas isso se dá por um processo de submissão das obras a critérios estritamente religiosos. Por exemplo: o livro A pode ser lido porque nele os personagens têm boas atitudes, mas o livro B não pode porque nele há personagens com falhas morais. Esse tipo de critérios revela pelo menos duas lacunas as quais este trabalho busca responder: 1) a falta de uma correta cosmovisão cristã de implicações práticas, que permita enxergar teologicamente o ser humano como pecador necessitado do favor de Deus para sua regeneração (o personagem defeituoso é o que somos ou o que seríamos sem Cristo); 2) a falta de proposições redentivas que preencham o que o crítico literário francês Vincent Jouve chama de “espaços textuais cuja ambivalência ou obscuridade solicitam estruturalmente a criatividade do leitor” (Jouve, 2013, p. 55).

Diante do exposto, proponho-me, neste artigo, a responder aos seguintes problemas: como a leitura mediada de obras literárias pode estimular a criança na formação de um coração sábio e criativo? Quais critérios e meios podemos usar para que essa mediação seja salutar para pais e filhos? Com isso, espero auxiliar famílias a perceber o proveito das histórias para a formação cognitiva das crianças e para o cultivo de virtudes intelectuais na infância, especialmente a criatividade.

Para cumprimento desses objetivos, estruturei a discussão em três partes.

Na primeira parte, começo por abordar a criatividade como um atributo próprio de Deus, manifestada não apenas nas belas e complexas coisas criadas, mas notadamente na grande narrativa bíblica e em suas nuances. Nesse tópico, também

---

2 Com o termo “redentivo”, refiro-me à Redenção em Cristo, processo pelo qual Deus que está reconciliando consigo todas as coisas, conforme Colossenses 1:20-22. Essencialmente, a narrativa bíblica se constitui de um Deus que criou todas as coisas boas, e deu à humanidade a terra para cultivar (Criação). Mas o pecado entrou no coração do homem e da mulher, separando-os de Deus (Queda) e exigindo uma solução que Deus, em Cristo, se propõe a dar gratuitamente (Redenção). Era a única solução possível. Os que crêem pela fé na sua obra de resgate serão glorificados plenamente na segunda vinda de Cristo, o estado final e permanente da felicidade dos redimidos (Restauração). Todas as outras histórias bíblicas estão submissas ao propósito desta.

apresento conceitos que explicam a criatividade intelectual não apenas como um “gênio criativo”, como comumente se pensa. Segundo o filósofo Matthew Kieran, a verdadeira criatividade não se manifesta em atos acidentais de brilhantismo inventivo; ao contrário, uma pessoa genuinamente criativa está disposta a empregar suas habilidades, expertise e julgamento na constante busca de produzir “novos e valiosos resultados em diferentes tempos e situações” (Kieran, 2018, p. 2).

Na segunda seção, dirigindo-me a pais que, porventura, encontram-se naquela primeira terra onde as pessoas não acreditam mais em livros, apresento algumas razões pelas quais apresentar livros às crianças e defendo que privá-las da leitura literária é negar a elas o direito a uma herança cultural da humanidade, alvo da graça comum<sup>3</sup> de Deus. Além disso, uma criança experimentada na leitura literária desenvolverá não apenas formação leitora, cognitiva e cultural, mas também condições de ler mais e melhor as Escrituras Sagradas.

Finalmente, no terceiro tópico, dirigindo-me a pais que, porventura, habitam a terra onde as pessoas alimentam uma busca vã por obras perfeitas, observo que importa mais saber ler de modo redentivo as obras literárias do que evitá-las por problemas de ordem moral<sup>4</sup>. Apresento, então, dois modelos de mediação que auxiliarão pais e responsáveis na leitura de livros com as crianças, com exemplos de uma abordagem mais sábia, à luz do Evangelho de Cristo.

No conjunto destas reflexões, busco contribuir para a compreensão de que uma criança preparada para ler de modo redentivo *As aventuras de Pinóquio*, *O Patinho Feio* ou *O mágico de Oz*, por exemplo, poderá desenvolver uma postura mais autônoma e igualmente redentiva diante da cultura em geral e dos próprios fatos da vida. Do contrário, como será quando os pais não puderem mais avaliar para os filhos o que são livros “lícitos” e “ilícitos”? Quando os cem sábios exigentes que habitam em nós já estiverem cansados demais para procurar os Livros Perfeitos para nossos filhos, o que estes terão aprendido e o que lerão?

Um leitor experimentado à luz da redenção de Cristo não temerá o que lhe podem fazer os livros imperfeitos, nem a cultura, nem os homens, nem a vida, nem a morte. Não se trata, evidentemente, de não ter critérios para a escolha de livros apropriados, mas de saber contrapor as questões trabalhadas nos livros com as questões próprias do Evangelho, de modo que, como defende Tony Reinke, em *Lit!: um guia cristão para*

---

3 De acordo com Wayne Grudem (2019, p. 404), “podemos definir a graça comum como o meio pelo qual Deus confere bênçãos incontáveis que não fazem parte da salvação. A palavra ‘comum’ nessa expressão indica algo que é comum a todas as pessoas e não se restringe somente aos cristãos ou aos eleitos”.

4 Não quero dizer com isso que não deverá haver uma curadoria por parte dos pais, a fim de evitar dissabores em temas que, para a família e para o momento, sejam inadequados.

*leitura de livros*, estaremos “determinados a ler o *imperfeito* à luz do *perfeito*, o *deficiente* à luz do *suficiente*, o *temporário* à luz do *eterno* e o *rasteiro* à luz do *transcendente*” (Reinke, 2011, p. 37)<sup>5</sup>.

## 2. Uma virtude esquecida: a Dona Criatividade

Se fôssemos criar mais personagens para a história que efabulei na introdução deste texto, a Dona Criatividade seria uma estrangeira nas duas terras, porque certamente não coadunaria com a infertilidade da primeira, nem com as equivocadas exigências da segunda. Ela, provavelmente, estaria em busca de uma via que a conduzisse a um lugar mais sábio que fizesse jus à sua origem: o Deus Criador, que, no princípio *criou* o céu e a terra, dando *ordem* ao caos. Fecunda como é, a Dona Criatividade estaria à procura de um lugar favorável ao seu florescimento, até que deixasse de ser uma virtude esquecida<sup>6</sup>, apagada de nossas listas de interesses e estudo.

No que diz respeito aos fundamentos históricos e conceituais da noção de virtude, o filósofo britânico Alasdair MacIntyre em seu livro *Depois da Virtude* esclarece que, em Aristóteles, as virtudes “são precisamente aquelas qualidades cuja posse permitirá ao indivíduo alcançar a *eudaimonia* e cuja ausência frustrará seu movimento em direção ao *telos*” (MacIntyre, 2021, p. 225, grifos do autor). MacIntyre observa que, embora não seja incorreto definir o exercício da virtude como um meio para a finalidade de alcançar o bem para o homem, a definição aristotélica reclama a necessidade de uma melhor distinção entre meio e fim na concepção das virtudes.

Desse modo, em sua proposta de definição, o filósofo britânico afirma que o exercício das virtudes não é um meio para atingir o fim que é o bem para o homem, pois o que constitui o bem para o homem é uma vida humana completa, vivida da melhor maneira possível. Assim, o exercício das virtudes se torna justamente “uma parte necessária e fundamental dessa vida, não apenas um exercício preparatório para garanti-la” (MacIntyre, 2021, p. 225). Portanto, segundo ele, o empreendimento virtuoso não deve ter por objetivo alcançar o bem do homem, a sua felicidade, porque esse estado só é possível com uma vida humana completa. Não obstante, a vida completa depende do exercício das virtudes não *para* a sua realização, mas *na* sua realização.

Ao longo da história, teólogos e filósofos abordaram as virtudes teológicas (a fé, o amor e a esperança) e as virtudes cardeais (a prudência, a justiça, a fortaleza e a

5 A referência a Reinke (2011), aqui e ao longo do texto, encontra-se no aplicativo de leitura “The Pilgrim”, cuja paginação pode não equivaler à versão impressa do livro.

6 A criatividade é uma virtude “esquecida” não apenas nos âmbitos cristão e educacional em geral, mas também nos estudos epistemológicos, nos quais ela tem recebido, segundo Baehr, relativamente pouca atenção, “de modo que sua natureza, estrutura e valor não são diretamente explorados” (Baehr, 2013, p. 1 – tradução minha).

temperança) (Pieper, 2023). Todavia, na epistemologia das virtudes, outras virtudes variantes são contempladas, precisamente aquelas que dizem respeito às atitudes e disposição de caráter que conduzem à descoberta da verdade. Isto é, são qualidades da mente e do caráter que favorecem o florescimento do intelecto. Entre elas, podemos citar a curiosidade, a perseverança, a mente aberta, a integridade, o amor à verdade, a imaginação e a criatividade.

Como premissa desta discussão sobre a criatividade intelectual está o fato de sermos feitos à imagem e semelhança de um Deus *criativo*. Uma leitura atenta das Escrituras permitirá perceber que a criatividade é um elemento central não apenas da Criação, mas também do “roteiro”<sup>7</sup> da Revelação divina ao homem por meio de Jesus Cristo, o Homem-Deus *criativo*.

Quando habitou a terra dos homens, Jesus utilizou figuras de linguagem em diversos contextos de ensino para fazer as pessoas entenderem os mistérios do reino dos céus<sup>8</sup>. Poderíamos aventar que o Criador formou a humanidade com um interesse particular por histórias, desde seus primeiros anos de vida, para que Ele próprio se revelasse por meio de uma e para que amássemos o livro do evangelho da sua graça, a Bíblia Sagrada.

Na prática do seu ministério da pregação, as atitudes de Jesus também eram marcadas por uma rara criatividade solucionadora<sup>9</sup>. Por meio de atos de misericórdia e de um processo lúdico de ensino, Cristo lança mão, por assim dizer, da sua criatividade *sui generis*. Quanto a nós, somos imagem e semelhança sua. Contudo, o pecado danificou a nossa relação com Ele e com seus atributos, incluindo a criatividade, seja como virtude, seja como habilidade. Nesse hiato, assumimos corações criativamente sedentários que necessitam, como tudo, ser redimidos por Cristo.

No que diz respeito a uma definição teórica, de acordo com Jason Baehr em seu artigo “Is Creativity an Intellectual Virtue?”, a criatividade é uma habilidade que nos torna capazes de “organizar ou reorganizar um determinado conjunto de elementos”,

---

7 Segundo Kevin J. Vanhoozer em **O drama da doutrina** (2016), Deus se revela à humanidade por meio de um “teodrama”, isto é, uma representação dramática que simula um curso de ação em um contexto teatral específico, no qual se faz ao mesmo tempo em que se fala. Essa encenação se constitui, por assim dizer, de quatro “atos”: Criação, Queda, Redenção e Restauração.

8 Como se vê em Mateus 13, por exemplo.

9 Um exemplo disso são as saídas que Jesus usava para responder os questionamentos (espécies de charadas religiosas) dos fariseus. Lembremos do episódio em que certo doutor da lei pergunta a Jesus quem é o seu “próximo” a quem deve amar, como forma de se justificar. Ao que Jesus responde com uma história, a qual conhecemos por “Parábola do bom samaritano”. Ele conclui a ilustração dizendo: “Vai e faz o mesmo”. Outro episódio digno de menção é quando os fariseus perguntam a Jesus se deviam pagar imposto a Roma ou não, no intuito de “surpreendê-lo em alguma palavra”. Ao pedir para mostrarem a moeda com o rosto do imperador romano, Jesus conclui: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Neste momento, “ouvindo isto, maravilharam-se” (Mateus 22.15-22).

de modo a refletir certas “possibilidades novas ou inesperadas” (Baehr, 2013, p. 5 – tradução minha). Contudo, é preciso limpar as arestas da compreensão comum de que a criatividade é apenas o componente responsável por uma ação nova e valiosa.

Como explica o filósofo britânico Matthew Kieran (2018) em seu texto “Creativity as an Epistemic Virtue”, o simples fato de gerar algo novo e valioso não faz de um ato genuinamente criativo. A originalidade também não pode ser uma premissa segura para a criatividade, porque ideias ou produtos podem ser produzidos originalmente sem que os processos utilizados para isso tenham sido criativos.

Assim, ter potencial criativo e realizar algo novo não equivale diretamente a *ser criativo*, porque alguém pode possuir capacidades relevantes para realizar uma inovação e, ainda assim, não ser considerado alguém criativo. Isso ocorre porque é possível que ações criativas estejam “fora” de uma pessoa, se ela realizar uma única coisa acidentalmente e depois não se interessar pelo cultivo dessa virtude. Conforme Kieran, deve-se distinguir alguém que tem potencial criativo (aquela que produz algo único) daquela pessoa que é genuinamente criativa.

Portanto, em termos de definição, uma ação criativa é aquela capaz de “envolver capacidades, habilidades e processos, como imaginação, habilidade, conhecimento e bom julgamento, implantados de maneiras que não acidentalmente realizem algo novo e valioso” (Kieran, 2018, p. 2 – tradução minha). Pessoas genuinamente criativas “estão dispostas a empregar suas habilidades, expertise e julgamento na busca e na tendência de produzir novos e valiosos resultados em diferentes tempos e situações” (*Ibid.*, p. 3).

Esses aspectos, no entanto, não são os únicos a se prezar no cultivo da virtude da criatividade. A esses devem-se acrescentar as motivações. Segundo Kieran, certas motivações fazem de pessoas criativas mais exemplares do que aquelas criativas com motivações erradas. Em suma, podemos definir, nos termos de Kieran, que uma pessoa é criativa quando é disposta a buscar e realizar atos criativos, e uma pessoa criativa exemplar, ou totalmente virtuosa, “é alguém que está disposto a fazê-lo pelos tipos certos de razões” (Kieran, 2018, p. 2).

Como pais, nosso chamado é abrir o caminho para as virtudes alcançarem não apenas a cognição, mas o coração<sup>10</sup> de nossos filhos. Como vimos, virtudes verdadeiras dependem de motivações corretas. Apresentar um bom trabalho de matemática usando a música, por exemplo, apenas será um ato virtuosamente criativo se for motivado por propósitos maiores do que apenas ganhar uma boa nota, ou superar os colegas em termos de inventividade. Ajudaremos a criança a pensar, por exemplo, em favorecer, com a música, a compreensão de um problema matemático por um amigo que não esteja bem emocionalmente, ou por um colega que tenha dificuldades de aprendizado.

---

10 Assumo aqui a concepção de coração definida por David K. Naugle (2017, p. 345), em **Cosmovisão: a história de um conceito**, isto é, “o coração é o centro religioso, intelectual, afetivo e volitivo de uma pessoa [...]. A fonte de como alguém fala e vive”.

### 3. Por que acreditar nos livros e apresentá-los aos filhos?

Primeiro, porque privar os livros dos filhos é negar a eles o direito a uma herança cultural da humanidade, alvo da graça comum de Deus. Precisamente nisto reside o valor de tal herança: embora não testemunhe total e intencionalmente sobre Cristo, ela testemunha sobre o que Cristo redime – o ser humano e suas questões.

O professor e crítico literário brasileiro Antonio Candido afirma em “O direito à literatura”, um dos textos mais importantes aos estudos literários no Brasil, que a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Candido, 2004, p. 175). Pela própria natureza do processo da leitura, o pequeno leitor em desenvolvimento passa a “viver”, momentaneamente, o que os pequenos protagonistas vivem: problemas internos, derivados da sua aprendizagem das normas e de seus próprios sentimentos, como raiva, medo e ciúme. Mais tarde, esses conflitos advirão das relações humanas, especialmente familiares; finalmente, na fase da adolescência, essas questões se expressam em sua própria conquista de autonomia e definição de personalidade, como explica a professora de literatura e escritora Teresa Colomer (2017).

Por isso, para o cristão a literatura é um material sobremodo importante, visto que lhe permite contemplar as profundidades do ser e pensá-las distintamente, criando proposições redentivas que preencham os “espaços textuais cuja ambivalência ou obscuridade solicitam estruturalmente a criatividade do leitor”, conforme descreve Jouve (2013, p. 55).

Por exemplo. Suponhamos a leitura de “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen. O conto não explica porque a família original do patinho o rejeitou (esse é um espaço textual ao qual a criatividade do leitor é bem-vinda); entende-se que era porque ele não era bonito, mas esse é um motivo ontologicamente superficial. Numa mediação redentiva que busca o florescimento da criatividade, a criança pode ser estimulada a pensar no *real motivo* do coração de quem rejeita alguém que deveria amar; nesse ponto, a conversa não precisa mais ser apenas a rejeição do patinho, textualmente posta no conto, mas a rejeição enquanto fenômeno da realidade. Para enriquecer o diálogo, é possível também pensar sobre quais outros personagens de outros livros foram rejeitados e o que realmente motivou essas rejeições.

O ponto alto da redenção apresentada na mediação deve ser o resgate que Cristo faz da realidade, cuja parcela está retratada no conto. Nessa perspectiva, não é o fato de o patinho feio se tornar cisne, depois de muito tempo, que confere importância a ele, mas o *ser* cisne desde sempre, ainda que não fosse visível a todos. Semelhantemente, Jesus era Rei com trajes rasteiros, e por isso foi desprezado; até que o Pai lhe conferiu um

nome que é sobre todo nome<sup>11</sup>. Esta precisa ser uma abordagem que, ao mesmo tempo em que considera a dimensão subjetiva, permitindo que as questões fundamentais do texto sejam contrapostas com a configuração bíblica, respeite também os “direitos do texto” (Catherine Tauverom, 2013).

Conforme Jouve, toda leitura tem uma parte formada de subjetividade. Isso significa dizer que toda leitura que fazemos é baseada tanto no que o autor espera comunicar como nas relações que fazemos para compreender o texto. Tal dimensão subjetiva diz respeito ao fato de que construímos o sentido do que lemos a partir de um “já visto” – ou seja, do que lemos, do que vimos ou do que experienciamos anteriormente, de modo que essas coisas cooperam na formação de sentido de uma leitura. Assim, ativam-se as intertextualidades: os livros estão sempre em relação com outros livros, não importando a cronologia.

Para o cristão, portanto, todo livro estará em relação com o Livro Sagrado<sup>12</sup>. Assim, sua forma de preencher esses “espaços textuais” será sempre guiada por uma clara referência bíblica, do mesmo modo que, na ausência das Escrituras, outras referências ocuparão esse lugar na formação de sentido das leituras (e dos fatos da existência como um todo). Isso não quer dizer que faremos as crianças pensarem como nós e interpretarem um livro como nós, porque o processo interpretativo do adulto difere do da criança. É preciso haver estímulos, mas não respostas prontas para elas. Faz parte da formação leitora da criança tomar suas decisões interpretativas e imaginativas que se aperfeiçoarão ao longo do tempo.

Outra razão pela qual apresentar livros às crianças é que, ao contrário das atuais formas de entretenimento por meio de telas digitais, nas quais a participação é passiva, a leitura promove uma participação ativa da criança, por meio de ações cerebrais como decodificar, imaginar, associar, contemplar e compreender. Acrescente-se a isso o favorecimento à habilidade de silenciar-se que, atualmente, parece um tormento para grande parte da população.

Explicando como nossos hábitos podem tornar deficiente a leitura de livros, Reinke (2011) alega que a internet é a primeira causa do enfraquecimento da concentração, e que ela provoca reações em vez de pensamento. O autor defende que a meditação prolongada sobre o que lemos é essencial não apenas para o ganho da sabedoria, mas também para a experiência do deleite; no entanto, “nossas almas não poderão se deleitar naquilo que nossas mentes apenas folheiam” (Reinke, 2011, p. 145).

---

11 Filipenses 2:9-11.

12 Segundo Tony Reinke (2011), após Moisés descer do Monte Sinai, os livros podem ser divididos em dois gêneros. O gênero A: a Bíblia Sagrada, perfeita e autoritativa, e gênero B: os outros livros, imperfeitos e sujeitos a erros. Reinke afirma que essa distinção é fundamental para os cristãos, que devem ler os livros imperfeitos à luz do Livro perfeito, a Bíblia.

Especialmente no contexto cristão, uma criança experimentada na leitura literária desenvolverá não apenas habilidades leitoras e cognitivas, mas também condições de ler as Escrituras Sagradas com mais subsídios, na medida em que, como considera Reinke, estará disciplinada a *ler atentamente* e a *pensar profundamente*, dois exercícios indispensáveis à devoção bíblica – o que permitirá que ela compreenda melhor as nuances dos diversos gêneros bíblicos, como os relatos históricos, poemas, parábolas e epístolas, para citar alguns, cuja compreensão será potencializada com bons materiais teológicos.

Assim, os pais devem considerar fazer desses momentos uma experiência de prazer e encantamento, não uma obrigação. A mediação poderá ser feita em outro dia, não no mesmo momento da leitura. Em casos de crianças menores, a leitura em voz alta é o método adequado; no caso de crianças maiores e já alfabetizadas, a leitura pode ser conjunta, um pouco por dia. Nesse caso, os diálogos podem acontecer à medida que a leitura avançar.

#### **4. Superando o Vale dos Livros Perfeitos: exemplos de uma mediação redentiva da leitura literária com crianças**

Nesta seção, apresento o que venho chamando de modelo de mediação redentiva de leitura literária com crianças.

Observarei agora três ocorrências em particular: o problema do racismo em *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, e o problema da modulação do “bom comportamento” em um conto, depois em um poema, ambos reunidos em *O livro das virtudes para crianças*, de William Bennett. Neste caso em especial, chamo a atenção para os problemas teológicos de uma obra aprovada no “Vale dos Livros Perfeitos” de muitos pais cristãos. Ao retratar uma educação centrada no bom comportamento das crianças, o livro de Bennett passa às cegas uma sensação de segurança pelo tom de bons costumes, que se distancia do verdadeiro evangelho.

##### **4.1 A questão do racismo em *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato**

Monteiro Lobato é considerado o pai da literatura infantojuvenil no Brasil. Antes dele, não havia uma literatura propriamente brasileira com tamanho teor de fantasia para crianças; os livros que circulavam eram basicamente obras estrangeiras traduzidas para o português, especialmente contos e fábulas. Sua mais importante obra, *O Sítio do Picapau Amarelo*, constitui o cenário para todos os outros 23 volumes que escreveu, entre 1920 e 1947.

Em *Caçadas de Pedrinho*, obra de 1927, o personagem Marquês de Rabicó identifica rastros de uma onça-pintada nos arredores do Sítio do Picapau Amarelo. Pedrinho e Narizinho decidem então organizar uma expedição em busca do animal até que voltam com a onça vencida. Ocorre que as outras onças se revoltam e decidem atacar o Sítio. Todos subiram em pernas de pau Pedrinho inventou fazer para se livrar do ataque, mas Tia Nastácia, cozinheira idosa que trabalha para Dona Benta no Sítio do Picapau Amarelo, por não encontrar pernas de pau para si, sai à procura de uma solução; o que lhe resta é subir num mastro. O narrador se refere a ela da seguinte maneira: “[...] Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma *macaca de carvão* pelo mastro de São Pedro acima [...]” (Lobato, 1962, p. 37-38 – grifo meu).

Em outro momento, a boneca Emília, explicando o alvoroço das onças à turma do Sítio, refere-se à Tia Nastácia da seguinte forma: “É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — *nem Tia Nastácia, que tem carne preta*” (*Ibid.*, p. 22, grifo meu).

Expressões como estas em destaque, e outras semelhantes em obras que não apresento neste trabalho, suscitam muita discussão<sup>13</sup> acerca do racismo em Monteiro Lobato. No geral, tais debates são baseados em cosmovisões humanistas que enxergam o homem essencialmente pelo seu papel político-ideológico. Desse modo, as soluções possíveis a esse e outros problemas sociais também são de base humanista, ou seja, não consideram a necessária redenção do homem, o que não ocorre pela força da lei, mas por uma transformação profunda do ser, por um meio que lhe é superior. Na cosmovisão bíblica cristã, essa possibilidade não vem de nós, mas de Cristo em nós. A força do cristianismo reside no fato de que tal redenção nos faz tipos diferentes de pessoas, não melhores, mas transformadas, com uma ética distinta a guardar e a difundir.

Vamos, agora, ao exemplo de mediação redentiva da leitura.

### **Exemplo 1:** o racismo em *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato

**Principais pontos introdutórios:** 1. não negar o racismo, ele existe; 2. não trocar as palavras ofensivas durante a leitura, a fim de minimizar o impacto de frases racistas; 3. fazer perguntas à criança para saber como ela interpretou aquele fenômeno; 4. iniciar uma conversa após identificar o ponto a ser mediado.

---

13 No início de 2024, o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp propôs um debate sobre o cancelamento de Lobato em seu centro de estudos. Alunos de graduação, pós-graduação, docentes e outros participantes divergiam de opinião. Os que se mostraram favoráveis à permanência de Lobato na circulação literária da instituição justificaram ser fundamental a leitura da sua obra para entendermos o que é o Brasil. O debate está disponível no Canal IEL Unicamp, no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=UzWHGQUWvs>.

**Incentivando a criança a propor saídas criativas para a história:** *Filho(a), como você acha que poderíamos falar da Tia Nastácia nessa passagem do livro? Imagine se Lobato chamasse você para ajudá-lo a reescrever esse trecho do livro, como você o faria? Que tal escrevermos juntos?*

**Abordagem complementar:**

*Filho(a), é uma pena que se fale assim da Tia Anastácia, porque todas as pessoas são feitas à imagem e a semelhança de Deus e merecem respeito. Apesar de muito interessante e divertido, esse livro do Lobato apresenta um problema sério. Por isso, ele não é nem poderia ser perfeito, filho(a), porque Perfeito é apenas o Livro inspirado por Deus, A Bíblia Sagrada.*

*Sabe, filho(a), como a poeira que chega à nossa casa sem que a convidemos, assim o pecado afeta as nossas existências e as nossas relações, de modo que não podemos evitar o defeito em absolutamente nada do que fazemos, em maior ou menor grau. Na vida real, ou na arte, nada escapa disso.*

*Por isso, filho(a), quando você encontrar um erro humano, uma falha moral, um dissabor, prossiga lendo, na medida em que isso lhe for conveniente; contemple a humanidade-defeito expressar-se como queira, e você concluirá que falta Deus aqui e ali, nessa e naquela proporção. Falta o Amor, falta a Verdade, falta a Beleza.*

*Seremos mais humanos se deixarmos as falhas da humanidade nos ensinar sobre nós mesmos, sobre as barbaridades que também praticamos e as que praticaríamos se estivéssemos nas mesmas condições desse ou daquele personagem, e, claro, se Cristo não tivesse nos transformado.*

**4.2 O problema da modulação do “bom comportamento” em dois textos de O livro das virtudes, de William Bennett**

*O livro das virtudes para crianças* foi escrito originalmente em 1993, nos Estados Unidos, e lançado no Brasil pela primeira vez em 1997, recebendo sua segunda edição em 2021. Bennett não é o autor das histórias, mas apresenta uma curadoria de textos de diversos autores, organizando-os em quatro conjuntos de capítulos, começando com coragem/perseverança, e passando por outros temas como responsabilidade/trabalho/disciplina; compaixão/fé; honestidade/lealdade/amizade.

Belamente ilustrado por Michael Hague, que ilustrou também clássicos como *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, *O Hobbit*, de Tolkien e diversas histórias de Hans Christian Andersen, *O livro das virtudes* apresenta alguns textos que precisam igualmente de mediação, especialmente por seus problemas teológicos, isto é, o tratamento equivocado das virtudes como frutos exclusivamente do esforço da criança, a qual, segundo o tom de algumas de histórias, serão rejeitadas e até punidas ao falhar em seu projeto virtuoso.

Como exemplos desse problema, escolhi dois textos da seção responsabilidade/trabalho/disciplina. O primeiro é o poema “Havia uma menininha”, sem autor mencionado, cuja apresentação é: “*Neste poema vemos o que pode acontecer quando não nos comportamos bem*”. O segundo é o conto “Procura-se um menino”, de Frank Crane.

Reproduzo, a seguir, o poema na íntegra.

### **Havia uma menininha**

Havia uma menininha  
Com um cacho enroladinho  
Que caía bem no meio da sua testa.  
Quando queria ser educada,  
Era muito bem comportada,  
*Mas quando era má, era uma peste.*

Um dia subiu as escadas  
Enquanto os seus pais, ocupados  
Na cozinha preparavam canapés,  
*E se pôs a plantar a bananeira  
Na mesa de cabeceira,  
Batendo palmas com os pés.*

Sua mãe ouvindo a algazarra,  
Pensou: “*São meninos, de farra,  
A brincar de guerra com os amigos*”.  
*Mas quando chegou lá em cima  
E viu as artes de Carolina,  
Deu-lhe um pinto e a pôs de castigo.*  
(Bennett, 2021, p. 32).

O poema trata basicamente de uma menina que, por vezes, é “bem comportada” e, por outras, é “uma peste”. Um dia, à distância de um cômodo de seus pais, ela decide brincar com os pés para cima e a cabeça para baixo, no quarto. Essa brincadeira, contudo, surpreende a sua mãe que não acredita, no primeiro momento, que uma menina possa brincar de plantar bananeira, sendo esta uma possibilidade natural apenas para os meninos. Ao conferir “as artes de Carolina”, a mãe adverte-a e pune.

Além de ser um texto de ligeiro trabalho estético, dos quais podemos apenas citar as rimas, o que fica desse poema é apenas a propagação de um modo rígido de lidar

com o mau comportamento. Ao agir de uma forma inesperada, a menina se torna “uma peste”, uma indesejada. Ao passo que, se a mesma atitude fosse de meninos, eles não seriam alvo da frustração dessa mãe.

Quanto ao conto de Frank Crane, também compilado no livro de Bennett, “Precisa-se de um menino”, há uma espécie de anúncio de uma procura por um menino que seja, digamos, perfeito. Devido à extensão do texto, apresentarei apenas alguns dos principais trechos:

Precisa-se de um menino que se *porte direito*, que se *sente direito* e que *fale direito* [...]. Um menino que se *mexa rápido*, mas que para isso faça o *mínimo de barulho* [...]; um menino animado, que tenha *sempre* um sorriso espontâneo para todos, e que *nunca* fique emburrado [...]. Procura-se esse menino – sua família, sua escola, seus colegas, as garotas, todo mundo o quer (Bennett, 2021, p. 38-39).

Na forma de um anúncio, o referido conto dá a entender, pelas descrições elencadas, o que seria um menino desejável, “que todo mundo quer”. Resumindo, tal menino precisa ser perfeito. O maior problema dessa narrativa, a meu ver, é justamente a lista que não engloba as diferenças. Numa acepção de pessoas, ela não mostra, por exemplo, palavras inclusivas como “também”. Por exemplo: “Precisa-se de um menino que se porte direito e que *também* não fique sentado por muito tempo”, até porque essas duas características podem fazer parte da mesma criança em situações distintas; “precisa de um menino que tenha um sorriso no rosto e que *também* possa se entristecer” etc.

Com Jesus, as crianças não foram ameaçadas contra a sua espontaneidade. Ao tentarem impedi-las de se aproximar do Filho de Deus, os discípulos foram repreendidos por Ele e testemunharam a sentença cristológica mais bela e revolucionária dirigida aos pequenos: “Deixem vir a mim as criancinhas e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”<sup>14</sup>. Na falta de uma lista mais flexível no conto de Crane, os pais poderão pensar em outras características para incluir, no momento da mediação. Pode-se pensar, por exemplo, nas crianças neurodivergentes, em geral com dificuldades de socialização e quietude, e elencar seus traços para uma lista complementar àquela apresentada no poema.

O poema e o conto do livro de Bennett aqui observados, ao serem representados pelo tema das virtudes e aparentemente não apresentarem falhas morais, dão aos pais a sensação de segurança quanto ao seu conteúdo. No entanto, vistos de perto, revelam-se empecilhos à compreensão teológica de que ninguém se torna bom por um bom comportamento. Como escreve Paulo na sua carta aos Romanos: “Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo”<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Mateus 19.14.

<sup>15</sup> Romanos 7.18.

**Exemplo 2** – O problema da modulação do “bom comportamento” em alguns textos de *O livro das virtudes*, de William Bennett

**Principais pontos introdutórios:** 1. não negar o apelo ao bom comportamento, ele existe; 2. não trocar as palavras durante a leitura, a fim de minimizar o impacto das frases inflexíveis e exclusivistas; 3. fazer perguntas à criança para saber como ela interpretou aquele fenômeno; 4. iniciar uma conversa depois de identificar o ponto a ser mediado.

**Incentivando a criança a propor saídas criativas para a história:** *Filho(a), como você acha que poderíamos complementar a lista do conto “Procura-se um menino”? Você tiraria ou acrescentaria alguma coisa? Sobre o poema “Havia uma menininha”, o que você me diz? Há algo que você mudaria nele também? Que tal escrevermos um poema diferente, utilizando o mesmo título?*

**Abordagem complementar:**

*Filho(a), meninas e meninos perfeitos não existem, assim como adultos perfeitos também não. Embora seja desejável sermos tudo o que a lista do conto pede, nós simplesmente não podemos atender a todos os seus requisitos, pois a nossa humanidade é falha por natureza, e o pecado nos limita naquilo que precisamos realizar. Eu quero que você saiba que, embora espere de nós ações distintas, porque somos seu povo, Jesus nos deu o seu sacrifício perfeito antes que pudéssemos cumprir uma lista. Sendo Ele perfeito, cumpriu a lista, de modo que nos possibilitou também cumpri-la – não para sermos aceitos, mas porque fomos aceitos.*

*Confesso que, como pai/mãe, tenho vontade às vezes de que você fosse perfeito, obedecesse em todas as coisas e não frustrasse minhas expectativas, como a menina do poema que lemos. Mas o erro está na minha vontade inadequada, não está em você. Se você amar Jesus e permitir-se ser transformado por Ele, o seu comportamento será também transformado; mas tudo começa primeiro no coração.*

*A Palavra de Deus ensina que filhos devem obedecer aos pais, porque isso é justo, mas se você falhar, meu amor por você não vai diminuir. Assim como o amor de Deus por mim não diminui quando eu erro. Jesus disse que se nós o amarmos, obedeceremos a Ele. Por isso, filho(a), a obediência é uma resposta a um ato de amor. Sempre que obedecemos com o coração endurecido, não estamos praticando a verdadeira obediência.*

*Saiba também que, embora seja muito importante, não é a sua obediência que o torna aceito por Deus. O que te torna aceito por Deus é a obediência perfeita de Jesus.*

## Considerações finais

Neste artigo, propus-me a responder de que forma a leitura mediada de obras literárias pode estimular a criança na formação de um coração sábio e criativo. A fim de auxiliar famílias a perceberem o proveito das histórias para a formação cognitiva das crianças e para o cultivo de virtudes intelectuais na infância, especialmente a criatividade, apresentei possibilidades redentivas de abordagem do texto literário com as crianças no contexto familiar.

Como vimos, a criatividade é um atributo do próprio Deus, uma disposição de empregar habilidades, expertise e julgamento na constante busca de produzir resultados valiosos em diferentes situações, somando a isso as motivações corretas. Assim, para contar com a leitura literária no cultivo da criatividade dos filhos, pais e responsáveis devem não lhes negar o direito aos livros, mas mediar as leituras com sabedoria, sabendo que uma criança leitora desenvolverá, entre outras coisas, condições de ler mais e melhor as Escrituras Sagradas.

Com os exemplos de mediação aqui apresentados, tive o objetivo de auxiliar pais na leitura de livros com os filhos à luz do Evangelho de Cristo, que, ao necessariamente trazer à luz as mazelas humanas, atribui sentido às boas-novas da redenção.

Por fim, depois de alguns tapetes sacudidos e alguns livros abertos, a Dona Criatividade, que vinha se aproximando, ainda estará disponível para entrar em nossas casas?

Espero que cada leitor lhe faça o devido convite e reserve o bom lugar para ela: o seu próprio coração. Por consequência, que ela entre também nos corações de seus filhos, para a glória de Deus e a serviço do próximo. Que a alegria seja completa ao lembrarmos que contamos também com os dons do Espírito Santo, que nos ajuda no cultivo mais perfeito das virtudes.

## Referências

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BAEHR, Jason. **Is Creativity an Intellectual Virtue?**. 2013. Disponível em: <<https://jasonbaehr.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/12/creativity.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BENNET, William. (Org). **O livro das virtudes para crianças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BEZERRA, Roberta Louise Mariano; ALVES, Rauni Jande Roama; AZONI, Cintia Alves Salgado. Creativity and its relationship with intelligence and reading skills in children: an exploratory study. **In: Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 35, v. 17, p. 1-15, 2022. Disponível em: <<https://prc.springeropen.com/articles/10.1186/s41155-022-00221-3>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". **In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos**. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas cidades / Ouro sobre Azul, 2004.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

GRUDEM, Waine. **Teologia sistemática ao alcance de todos**. Trad. Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

GUROIAN, Vigen. **Cultivando um coração de virtudes**: como histórias clássicas despertam a imaginação moral da criança. Trad. Ingrid Fonseca. São Paulo: Trinitas, 2020.

JOUVE, Vincent. **A leitura como retorno a si**: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *In: ROUXEL, Annie; GÉRARD, Langlade; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

KIERAN, Matthew. **Creativity as an Epistemic Virtue**. 2018. Disponível em: <<https://eprints.whiterose.ac.uk/125507/3/Creativity%20as%20an%20Epistemic%20Virtue.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 14. ed. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1962.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**: um estudo sobre teoria moral. Trad. Pedro Arruda e Pablo Costa. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

NAUGLE, David K. **Comovisão**: a história de um conceito. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

**O IEL deve cancelar Monteiro Lobato?**. IEL Unicamp. 2024. 1 vídeo (2:25:01). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-UzWHGQUWvs>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

PIEPER, Joseph. **Virtudes fundamentais**: as virtudes cardeais e teologais. Coleção Crisol (volume 2). São Paulo: Cultor de Livros, 2023.

RAYNOR, Jordan. **Chamados para criar**: um convite bíblico para criar, inovar e arriscar. Trad. Guilherme Cordeiro Pires. Brasília - DF: The Pilgrim, 2020.

REINKE, Tony. **Lit!**: a christian guide to reading books. Wheaton, Illinois: Crossway, 2011.

TAUVEROM, Catherine. Direitos do texto e direitos dos jovens leitores: um equilíbrio instável. *In*: ROUXEL, Annie; GÉRARD, Langlade; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 117-131.

VANHOOZER, Kevin J. **O drama da doutrina**. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2016.